

Crisostomo Martins Farias, aquele que não obedecia aos obstáculos

>> Rosi Oliveira
Especial DS

“Ao voar a bordo de uma aeronave, vê-se que dizer que as nuvens são tapetes de Deus ainda é pouco para expressar a sua grandeza”.

Com essa frase de Chaim Mesquita, começo o Memória de hoje, que contará a história de superação e realização de sonhos, para nos incentivar a seguir adiante, ainda que os nossos pareçam impossíveis e distantes.

Os relatos de hoje contarão a trajetória de Crisostomo Martins Farias, nascido em Lagoa Nova, no Rio Grande do Norte, aos 24 de novembro de 1957.

Filho de Jose Alves de Faria e Maria Martins de Farias, Crisostomo foi o primeiro filho do casal, que se mudou do local

onde morava quando ele ainda tinha somente nove meses de vida. Tempos depois, ganha uma irmãzinha, Guaraciaba, com quem desenvolve uma amizade forte e duradoura, tendo a partir de então uma fiel escudeira, pronta a lhe acompanhar e todas as peraltices de criança.

E muito tempo depois outra irmã que foi adotada pelos pais, sendo chamada Guaraci.

O casal e os filhos mudaram-se várias vezes no Paraná, chegando a vir para o Mato Grosso, sempre em busca de oportunidades, até que decidem morar em Icaraíma, Paraná.

Os três cresceram juntos, incentivados pelos pais a serem companheiros e unidos. Quando Crisostomo começou ainda bem pequeno a demonstra o desejo de voar.

“Ele desde cedo começou a desenhar aviões,

e dizia: Um dia eu vou voar”, lembra a irmã Guaraciaba.

Com esse desejo tão latente, por vezes se fez inventor para satisfazer seu sonho. “Nossa casa era alta do chão. Certo dia ele pegou um guarda chuva de minha mãe, deu uma reforçada, e disse que ia fazer um paraquedas. Subiu na casa e saltou. Caiu e se ralou inteiro, mas não se machucou de quebrar nada”, relembra.

De acordo com a irmã o nosso homenageado era muito alegre, divertido, carinhoso e generoso, mas seu ponto forte era sem dúvida a persistência.

Mesmo com todas as dificuldades da família, inclusive financeiras, ele não esquecia de seu sonho, e seguia desenhando os aviões, e reafirmando que um dia iria voar.

Quando fez 15 anos, iniciou um curso de eletrotécnica, e começou a



Mesmo com todas as dificuldades da família, inclusive financeiras, ele não esquecia de seu sonho

consertar tudo que parasse de funcionar, achando que já era o ‘tal’, mas no final sobravam peças que davam para fazer outro objeto igual ao que ele havia desmontado. “Tentando consertar o rádio de meu pai sobrou peça que dava para consertar uns três rádios”.

Segue sendo incentivado a não desistir, e aprendeu bem a lição. A família então se mudou para Denise, onde passou

por muitas dificuldades.

Após perceber e sentir na pele que as propostas não seriam cumpridas pelo patrão, no ano de 1975, o pai resolve que não tomaria mais conta de fazenda para outras pessoas, e segue a Tangará da Serra para observar o lugar. Ao chegar se deparou com uma grande construção que viria a ser a Escola 13 de maio, e vislumbrou ali uma oportunidade. Em um terreno na frente da

construção abriu um boteco, mas a família só veio no ano seguinte.

Com o passar dos tempos os filhos estudavam no 29 de novembro, o pai aprendeu o ofício de pedreiro, e as coisas iam se ajeitando, com a mãe costurando para fora também. Além disso, Crisostomo fazia pinturas, faixas placas, cartazes e comprou inclusive, uma moto com suas economias.

Crisostomo Farias, um exemplo de determinação



Quando vinha a Tangará fazia voos razantes sobre a casa da família

>> Rosi Oliveira
Especial DS

No ano de 1977 resolve ir à busca de seu sonho, pois descobriu o Aeroclube de Londrina perto da cidade onde uma tia morava. “Acabou sola de sapato, mas o sapato estava bonitinho por cima. Só não podia suspender os pés e mostrar o solado. Dormiu em banheiros, passou frio. Enfim, sofreu muito em busca desse sonho”.

Querido que era, ganhou o carinho do pessoal do Aeroclube, onde todos sabiam suas dificuldades, então todas as pinturas do local eram feitas por ele, o que muito ajudava nas

despesas.

Fez as aulas, e passou no teste teórico, porém, no prático não conseguiu, porque não tinha as horas necessárias exigidas por falta de dinheiro.

Voltou para casa bastante triste. Nessa época o pai estava construindo uma casa que seria para a família, mas ao ver a tristeza do filho, vendeu a casa e lhe deu o dinheiro para fazer o restante das aulas. “Ele disse: Pai o senhor não vai se arrepender do que está fazendo por mim. Eu vou fazer em dobro por vocês que terão vida de rainha”, conta a irmã extremamente emocionada.

De posse do dinheiro

retornou, e encontrou a tia já morando perto do clube de onde podia ir a pé “Ele fez as aulas, passou e segundo minha tia, sua felicidade era tamanha que ao invés de entrar pelo portão, saltou o muro”.

Teve sua carteira assinada pela primeira vez em 01 de junho de 79, como Piloto Comercial, no Paraná. “Quando ele veio em Tangará a primeira vez de avião, foi muito divertido e preocupante ao mesmo tempo, porque passava bem baixinho sobre nossa casa e fazia aqueles rantes, que acabam por tirar todos os vizinhos de suas casas, e eles reclamavam e perguntavam quem seria o louco que estava fazendo aquilo. Era a forma dele avisar que tinha chegado”.

Crisostomo havia realizado seu grande sonho. Era enfim piloto.

No dia 25 de fevereiro de 1980, foi solicitado a realizar um voo até Cuiabá, mas o tempo não estava muito bom. Disse de sua preocupação, no que não foi ouvido.

No trajeto, nas proximidades do local conhecido como Chapéu de Palha, o avião caiu, matando, além dele, mais quatro tripulantes.

Nessa época, não havia Corpo de Bombeiros, sendo assim, amigos dele, de Tangará e que resgataram os corpos e fizeram o reconhecimento, pois os pais não estavam na cidade, mas sim em uma viagem que ele lhes deu, e iria buscá-los dias depois.

De acordo com Fredolino Rosa, amigo bastante próximo de Crisostomo, que inclusive foi responsável pelo sepultamento, foram momentos e dias de intenso sofrimento com tal fatalidade.

Os pais e irmãs somente ficaram sabendo do ocorrido no dia seguinte, e chegaram apenas para a missa de sétimo dia do filho, que dizia. “Mãe, se algum dia a senhora receber minhas cinzas numa caixinha de fósforo, fique feliz, pois parti fazendo o que eu mais amava, porque realizei meu sonho”.

A HOMENAGEM



Rua Crisostomo Martins Farias, no Jd Acapuldo, fundos do destacamento da Polícia Militar

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Crisostomo verdadeiramente se fez passar, voou no chão, quando corria atrás de sonhos, apesar de tão distante e difícil para a época.

Depois nos céus, quando realizou seu grande desejo. E ainda hoje, quando como leve brisa volta aos pensamentos daquele

les que com ele conviveram, e que mesmo com a passagem de longos e sofridos anos ainda se recordam com perfeição cada detalhe do grande voador.

O piloto teve também seu nome eternizado em Tangará da Serra, pois no município uma das ruas leva seu nome. Situada inclusive, no Jardim Aeroporto.

PROJETO MEMÓRIA
COLETÂNEA DE REPORTAGENS PUBLICADAS NO DIÁRIO DA SERRA SOBRE TOPÔNIMOS TANGARAENSES
REALIZAÇÃO
Diário da Serra
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

APOIO

